

TARSILA OU A VACINA ANTROPOFÁGICA: VOZ FEMINISTA E ANTROPOFAGIA NA BUSCA DE NOVAS IMAGENS

**FERDINANDO MARTINS
VIVIANE DIAS**

Resumo



Trata-se de um texto teatral de voz feminista, um diálogo ético e estético com o Modernismo brasileiro na busca de novas imagens para a reinvenção de um país. O texto foi encenado em São Paulo em setembro e outubro de 2022. A peça seguiu para Paris, em novembro, e para Lisboa, em dezembro do mesmo ano. Tarsila, um corpo-assentamento do Modernismo brasileiro acorda no cosmos, em 2022. Precisa criar uma nova imagem antes de ser devorada pela voracidade do novo Piaimã.

Palavras-chave:

Teatro feminista. Modernismo. Antropofagia.

TARSILA OU A VACINA ANTROPOFÁGICA: VOZ FEMINISTA E ANTROPOFAGIA NA BUSCA DE NOVAS IMAGENS

FERDINANDO MARTINS¹

VIVIANE DIAS²

¹ Professor Doutor do Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CCA/ECA/USP). Professor dos cursos de graduação em Educomunicação e Artes Cênicas. Professor, pesquisador e orientador do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da USP. Líder da linha Estudos da performance e processos de subjetivação do Grupo de Pesquisa Alteridade, subjetividades, estudos de gênero e performances nas Comunicações e Artes (AlterGen). ORCID: 0000-0002-5560-0105. Email: ferdinando.martins@gmail.com

² Viviane Costa Dias é autora teatral, atriz e diretora. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas na ECA-USP, tendo realizado doutorado Sanduíche na Paris VIII. ORCID: 0000-0002-0249-680X. Email: dias_viviane@hotmail.com

1. Sobre *Tarsila ou A vacina antropofágica*, da Estelar de Teatro³

É sabido que a Semana foi responsável por aguçar o foco no entendimento da arte de vanguarda praticada em outros países, principalmente na Europa, e por gerar aceleradas mudanças no modo de produção artística vigente no Brasil até a segunda década do século XX. A desconstrução social da Semana de Arte Moderna e sua atualidade têm sido a tônica das celebrações de seus cem anos. É nesse bojo que se localiza o espírito da peça *Tarsila ou A vacina Antropofágica*, dramaturgia de Viviane Dias montada por sua companhia, a Estelar de Teatro, no segundo semestre de 2022, com direção dela própria e de Ismar Smith. A estreia foi dia 25 de setembro e a peça permaneceu em cartaz até 16 de outubro, concluindo 16 apresentações na sede da companhia, no bairro Bela Vista, em São Paulo.

O espetáculo se insere no fluxo de uma pesquisa continuada da Estelar de Teatro que revisa, com um viés crítico e feminista, a trajetória de personagens históricos. Esse procedi-

³N.E.: Apresentação crítica de Ferdinando Martins.

mento já é identificado em trabalhos anteriores como *Frida Kahlo – Calor e Frio*, *Matriarcado em Pindorama* e *Matriarcado América (A Sociedade das Eróticas em Menopausa e A Máquina dos Sonhos)*. Além disso, o grupo dialoga com o entorno de sua sede, em um bairro marcado pela concentração de fluxos imigratórios e migratórios, que garante ao espaço diversidade cultural e étnica. É, também, o bairro que abriga espaços teatrais históricos (Teatro Brasileiro de Comédia, Teatro Oficina, Teatro Sérgio Cardoso) e contemporâneos – na mesma calçada da Estelar de Teatro, estão o Teatro de Incêndio e o Teatro da Vertigem. Perto dali, encontramos o Ágora Teatro e os grupos teatrais Antropofágica e Teatro Documentário, entre muitos outros.

Não por acaso, as imagens que aparecem no início do espetáculo, entre elas o cartaz da Semana de Arte Moderna e uma imagem do quadro (*Composição*) *Figura Só*, de 1930, colocam o espectador em estado de imersão, para além da passividade do ato de assistir. Teatro ritual e performativo, *Tarsila ou A vacina antropofágica* evoca arquétipos ancestrais, remetendo as falas e informações históricas a contextos mais amplos e universais. Centrada na vida de Tarsila do Amaral, também conclama Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que aparecem em cena por meio de projeções, interpretados por Anderson Negreiro e Ismar Smith, respectivamente. De forma etérea, ambos dissolvem-se fótons no que Antonin Artaud chamaria de duplo do teatro, para além da fisicalidade da cena, amalgamando-se com a história e o espaço fora da sede.

Não por acaso, em pouco tempo a montagem seguiu carreira internacional, se apresentando em diferentes teatros da Europa. A mesma inquietação de Tarsila do Amaral se faz presente na busca de Viviane Dias por um teatro essencial, um teatro que opera simultaneamente os eventos históricos e o contexto presente, abrindo veredas para se pensar o que se aponta no horizonte. Ao mesmo tempo, o espetáculo

coloca em tela qual a necessidade do teatro hoje, sobretudo no Brasil contemporâneo, no qual a cultura foi destruída pelo governo de Jair Bolsonaro e seus acólitos.

A questão de gênero emerge como desdobramento do que no modernismo brasileiro era apenas latente. Tarsila do Amaral e Anita Malfatti são as artistas brasileiras mais emblemáticas quando se pensam questões de gênero nas artes brasileiras, ainda que o Brasil tenha tido um bom número de pintoras anteriores a elas, que, em sua maioria, se tornaram nomes pouco conhecidos. Por meio de Viviane Dias, uma multidão de mulheres se faz presente no espetáculo.

Viviane Dias realiza, ela mesma, um ato antropofágico diante do público. Sacrifica-se em cena para fazer emergir Tarsila como sua aura. Compartilha seu fluxo energético, desdobrando-se em reflexos de tempo e espaço, presença e projeções, voz e palavra, corpo e gesto. Como um xamã, abre portais, transforma o teatro em uma egrégora e vacina todos contra a passividade dominante em um mundo marcado por fugas narcotizantes da realidade.

2. Tarsila ou A vacina Antropofágica⁴

Um texto teatral de voz feminista, em pleno diálogo com a tradição Modernista Brasileira. Para ser lido em sonho de um diálogo com a encenação e nutrir a imaginação de artistas de teatro.

Jamais isolado como palavra literária e separado da cena...

Parte 1

(Tarsila no espaço Sideral. De costas, é uma imagem solta no universo. Na terra de um outro mundo, seu corpo entre primitivo e futurista e, ao mesmo tempo, gigante prisma rosa, seus pés nus. Plantas nunca vistas. Sua altura é igual – vegetal. Seus cabelos transbordam para fora do quadro, voam rumo ao infinito. Olha para aquilo que não conseguimos ver. Ainda. Imagem pro-

4 A peça, com direção de Viviane Dias e Ismar Smith, vídeo cenários de Vic Von Poser e trilha sonora de Gabriel Moreira estreou no Teatro Estelar, em São Paulo, dia 25 set., e seguiu para Paris (4, 5 e 6 de novembro) e Lisboa (17 e 18 de dezembro). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Código de Financiamento 001. N.E.: Há, ao longo do texto, citações e apropriações artísticas das obras que constam na referência bibliográfica. Sendo uma dramaturgia, não houve preocupação de assinalar as citações academicamente.

jetada sobre atriz de costas. Referência:)



Amaral, Tarsila. **Figura só**, 1930.

(Música.

Voz voltando à vida... com dificuldade... vem de longe... muito longe...)

Tarsila – Tempo... dois séculos...? Eu... de 100 em 100 anos... voltei? O tempo... embalar do vai-e-vem?

É tempo de novas imagens?

Poesia é profecia?

Toda vez que a casa está desabando...o refluxo do conservadorismo que vem em ondas, como a dança dos planetas, “nos” convocam para sacudir as coisas...

... sempre acho que é tudo coisa do Mário de Andrade... genial mesmo quando matou a turma toda!

A gente era então as “Juvenilidades Auri-verdes”, no fim d’A Paulicéia Desvairada... fez nós – os artistas modernistas – virarem semente, broto de futuros...

Inda serão um Sol nos oiros do amanhã!

Poesia é profecia?

–

– Quando estou morta, as coisas são tão vivas... nada daquela anestesia da Terra.

(OFF e música.)

Toda vez que eu morro, tudo que não sou “eu” fica na terra... vocês nem imaginam o peso que se carrega de penduricalho em cima de um eu... Aqui só sobe o eu que é leve... um corpo essencial-eu que é quase que só assentamento... do mito que me habitava... não tem nada a ver com o eu que fui não, a Tarsila histórica, mas um “eu... realidade poética... falo eu... mas somos muitos hoje aqui dentro desta energia... atraídos-eus por afinidades estéticas... D’eus... um tipo de... corpo-eus... compartilhado... d’eus... es!

... não dá para explicar tudo agora... preciso descer umas camadas para conversar na linguagem de vocês... por aqui razão demais é coisa muito primitiva...

(Silêncio.)

... só sei que toda vez que eu acordo nesta manhã do tempo tenho que descobrir de novo e de novo quem eu sou e onde estou...

...

Devem existir perguntas... só assim dá para amarrar os pedaços de sentidos...

...

... tá denso...

... parece que o Piaimã engoliu tudo, até as perguntas...

... tinha um outro país aqui, não?

... lembra....

(Projeção referência:)



Amaral, Tarsila. **Batizado de Macunaíma**, 1956.

Como é que eu fui parar tão perto das estrelas?... Olha lá a Cy, mãe do mato! A Cy, uma encantada da floresta, um ser sem explicação, pura genialidade brasileira, lembra?

A Cy... o único amor do Macunaíma, que armou uma corda sozinha e subiu na Beta do Centauro... que brilho!

Dizem que o fim da vida determina os recomeços... eu fui espírita no fim da vida, aprendi um monte de coisas...

E eu pintei O *Batizado do Macunaíma* nos meus últimos quadros – será por isso que eu vim parar neste universo intermediário?

Que maravilha, devo estar no paraíso:

– Eu iluminada pelo melhor do Brasil, eu iluminada, Cy...

–

... e do lado tem nova estrela, é a menina Yanomami, 12 anos... estuprada até a morte e jogada pelos garimpeiros no rio Uraricoera, em

Roraima... o horror foi tão grande que a Cy quis encher ela de luz também, trouxe para perto dela... para não deixar mais uma cair no apagamento... mais uma...

E no rio Uraricoera, que cisma... o mesmo em que nasceu Macunaíma, o herói de um país nascido de estupro... é a cobra mordendo o rabo o tempo todo? Como se misturaram desse jeito realidade e ficção? Farsa e tragédia... Ninguém se lembra de nada... Lembra!

(Efeito sonoro.)

– Sinto a presença do Piaimã, o gigante Venceslau Pietro Petra, comedor de pedras... você leu Macunaíma, não leu? Se não leu, vai ler... o eterno apetite grosseiro de quem engole gente, respiros, futuros... o cheiro dele está aqui e ele sempre vem quando nos acordam... mas se ele está aqui... por que ele não aparece?

(Pausa.)

– Para arruinar uma nova dramaturgia?

Para dizer que a peça – de autora mulher, foi mal construída – não teve conflito?

Dizer que meu despertar é um monólogo?

–

Existe uma tensão entre uma atriz de pé e uma cratera no chão!

Precisamos de repertórios novos... aprender a ler em imagens!

Uma imagem é uma lembrança... ou uma antecipação do não nascido... um curto-circuito do relógio... que permite a irrupção de qualquer coisa do passado... ou do futuro. No agora!

Uma imagem desordena e reorganiza... é uma presença multidimensional e energia condensada... de alta voltagem... capaz de parir... futuros!

Neste mundo em que estou não preciso mais de água e comida pra viver. Isso é passado. Mas continuo pensando...

... e morro sem imagens. Como vocês, aí na Terra. Tirem as imagens por um minuto e vocês não aguentam. Precisam mais de imagens do que de comida. Até dormindo vocês precisam produzir imagens: já percebeu isso?

Não estou falando de imagens para consumir... imagens de Instagram...

Estou falando de imagens para saciar a fome... de imagens!

Imagens que são feitas de alguma relação do pensamento com o não pensamento, um

pensamento daquilo que não pensa, os contraditórios em si, a revelação de um segredo oculto.

Acabaram de descobrir picos azulados numa sonda científica que passou aqui pelo cosmos.

Era eu pintando em brasileiro, gente...

(Música.)

Nem morta desisti das imagens. A boa imagem é uma ideia cheia do imprevisto ou... uma selvageria do pensamento.

...

(A luz se apaga. No figurino, vemos apenas a imagem de um rosto solto no ar. Referência:)



Amaral, Tarsila. **Autorretrato**, 1924.

Desculpa falar essas coisas logo que eu acordo, mas o tempo é curto! Uma nova imagem precisa nascer deste nosso encontro antes do Piaimã chegar... e o adversário sempre vem... certo como a morte...

... para nos devorar! Em procedimentos de Baixa Antropofagia – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato... a transformação de toda imagem em produto, a apropriação cultural!

É que eu sei que as imagens podem ser muito perigosas também...

Existem as imagens fantasmas, espíritos obsessores-imagens. A maioria só sabe devorar essas imagens. Podem ser as imagens do seu pai, do seu avô, o sonho do seu tetravô...

Elas não têm vida, mas se agarram a nós que não conseguimos viver sem nossos parasitas.

– Mas uma imagem sadia pode inverter todas as perspectivas, nos acordar pela lembrança de quem seremos amanhã...

... me sinto eroticamente atraída para meu futuro!

Sou sempre uma mulher de vanguarda...

(*Música. A luz aumenta e temos uma nova imagem projetada. Referência:*)



Amaral, Tarsila. *Urutu*, 1928.

– Bem-vinda! Bem-vindo à minha casa. Um lugar em que tem sempre algo prestes a eclodir. Pela surpresa e pela síntese!... numa Cratera, em Mercúrio... eu tentei deixar com a minha cara... Uma cratera, aliás, parece bem a casa de um vanguardista, cubista, uma libertação da forma... eu acho é chique!

Ah!... vim parar aqui por uma bela homenagem dum cientista brasileiro. E um nome pode fazer milagres. Assim que esta cratera no cosmos foi batizada de Amaral, em homenagem a mim, eu, Tarsila do Amaral, ou a que foi, em parte, ou mais ou menos,

... um pouco para mais agora...

... menos para menos,

... ah, não importa...

... fui sugada para cá!

Mercúrio é o mensageiro dos deuses, o enlaçador de mundos. Morro na Cratera de Mercúrio porque ninguém teve a ousadia de traduzir mercúrio para brasileiro. Que É EXU! E Exu é o que faz os caminhos...

No cosmos aprendi muito... Temos a prática de olhar tudo de muito longe, as realidades supraliminares, sabe? Aquelas coisas que de grande demais nos dão medo só de perceber... pedem... perspectiva cósmica... aqui, vemos até

os fios invisíveis ligando coisas que são aparentemente sem conexão alguma... o caduceu na minha casa é a cobra mordendo o rabo!

E ouvimos histórias... uma das mais famosas é a de um planeta azulzinho!

(*Música brasileira.*)

Solto e livre no espaço. Um fenômeno em linhas de vida! Longe do centro da Galáxia... rico em biodiversidade... e biodiversidade é a riqueza cósmica!

Você sabe o que é um buraco de minhoca? Aprendi aqui! Um evento! Uma coisa que surge e muda tudo! Liga aquilo que parecia separado para sempre, produzindo sentidos...

Um túnel que aproxima o que é longe. E que permitiu que a gente de toda a galáxia pulasse para o planetinha azul, azul...

E sabe o que fizeram quando chegaram?

– Amaram?

– Brincaram?

– Aprenderam com aquela biodiversidade toda?

– Não! Colonizaram!

Este é o verdadeiro pecado original! A ferida primeira de toda galáxia!

Precisamos de novos mitos! Imagens que nos ajudem a tirar as camadas de mentira e ver as coisas como elas são!

Aprendi na escola em Exu!

–

É bom viver novos mundos. E tem tanto por aí. Eu mesmo já habitei vários. Vivi num Brasil – uma espécie de universo também paralelo ao de vocês – cheio de potência e fome de futuro. Antes do mais recente Tsunami – cíclico e vindo sempre dos esgotos.

Na minha época, invadíamos o futuro... no carro da poesia...

... ou era o Cadillac verde do Oswald?

... íamos para todos os lugares... também para o passado, mas aí íamos para muito, muito mais longe... o ontem nativo, mítico...

... e íamos para o futuro... também ancestral... fomos os primeiros a ver esta cobra mordendo o rabo, na imagem-Brasil!

E espalhamos antídotos para os tempos de horror do Brasil instituição – as brasilidades!

Catiti Catiti Imara Notiá Notiá Imara Ipeju – ó Lua Nova...ó Lua Nova... assoprai em lembranças de mim.

(Uma porta se abre. E o público entra numa outra sala. Com um Brasil projetado e em música. Uma vídeo instalação. Uma imagem-Brasil...)

Parte 2.

(OFF na música e imagens de um Brasil-sonho, que cita o Manifesto Antropófago:

“A magia & a vida. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

Se Deus é a consciência do universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais. Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição.”)

Será que tem um Brasil que deu certo em uma outra dimensão? Tipo, o Brasil que é samba? Fomos parar em alguma encruzilhada da história? Será que ainda dá para voltar?

O Brasil em que nunca esquecemos nosso gavião de penacho...

(“A sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés...)

Aconteceu a Revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa!!!!

Sabíamos que sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

A alegria é a prova dos nove. No matriarcado de Pindorama!!!!!!”)

...

(Atriz-autora entra irrompendo a projeção e a música)

Atriz – Eu sei, eu sei... a nossa independência ainda não foi proclamada!

A gente entra no teatro, esse lugar de paradoxos, e quem fala aqui é a atriz, mesmo.

Viviane Dias, brasileira de 2022, que vive num Brasil e num mundo que parece retroceder em direção a tudo aquilo que de mais boçal já existiu nesta terra.

É possível ainda acreditar? Como falar de utopia hoje?

Ataques aos direitos humanos, perdas de

direitos de dignidade. MUROS. MUROS. MUROS. Uma época que parece ter começado com imagem tremenda da queda de um muro físico e que instaurou, em contrapartida, os mais impenetráveis muros simbólicos. Muros, muros entre os países, muros nas relações... muros dentro da cabeça...

E eu, Viviane Dias, ou mais ou menos, em diferentes graus de proximidade com o conjunto de imagens Tarsila, nas fronteiras atriz-personagem vou viver, diante de vocês, a experiência metafísica do híbrido – e tudo que é de borda é ágil & quase sempre... divino... do lado de baixo do Equador – se não esquecemos nosso gavião de penacho.

O costumeiro, a normalidade não pode ser perturbada pelo normal – só o mutante entre dois mundos talvez possa ainda gerar espanto – salve o teatro.

Se olharmos de mais longe, nunca é um monólogo. É sempre no mínimo uma conversa – atriz, personagem; atriz, texto; atriz; conjunto de imagens e necessidade do tempo que deu impulso ao projeto.

Todo teatro historicamente sempre brincou com esse... espaço... frame... clivagem... jogo ator-personagem.

Só desde o aparecimento do iluminismo, a supremacia da razão sobre todas as coisas... sobre a magia, a imaginação e o encantamento... e ascensão do drama burguês porque está tudo conectado, ficamos racionalmente... mais tolos... fusão ator-personagem... acreditamos em tantas bobagens em nome da razão... no meu país, por exemplo, desde que fomos colonizados por gente cheia da razão, ocultam-se verdades... ensina-se até na escola que fomos descobertos e não invadidos... ou se esconde que o país nasceu de estupros... mulheres, florestas... tudo queimado para glória da razão... não há a menor razão nisso... e é preciso acabar de vez com os abusos da razão.

Ou ainda vão se aproveitar desta ausência de encantamento pra produzir outros falsos mitos!

Lembra!

... a magia e a vida, instauremos pois...

Lembra!

(Aqui o palco se divide em dois – um espaço da atriz, outro da personagem e um território

de fronteira, central).

Tarsila – Eu Tarsila, sou boa de lembrar... só estou destreinada. Afinal, os modernistas foram os primeiros a se lembrar da cultura nativa, que foi pela primeira vez valorizada desde a invasão europeia. A velha Europa que chegou num mundo sofisticado que ela não conhecia e chamou tudo de primitivo... objeto de catequese... que primitivo... Aqui tinha e tem um universo riquíssimo, toda uma outra civilização soterrada... pela razão! Fomos os primeiros a lembrar!

Ó Lua nova...ó lua nova...assoprai em lembranças de mim.

Atriz – Sim, eu Viviane não pretendo fingir que não vejo as contradições do nosso Modernismo, nem dar conta de todas, não. Mas me interessa sim olhar pro movimento, especialmente no marco da Semana de Arte Moderna de 1922, como a primeira ação cultural planejada e conjunta contra a colonização...

na mente... que percebeu que fomos infectados por um vírus que atuava em todo o sistema...

(Projeções fogo nas matas, no Museu Nacional.)

– Cada barco branco que chegou nas Américas não trouxe só gente, mas armas biológicas em potencial – um conjunto de parasitismos desconhecidos destas terras... enfraquecendo desde o mais miudinho da saúde, até os afetos...

– Trouxeram ainda o mesmo fogo que queimava as mulheres por séculos em suas terras para queimar... as nossas matas em eterno holocausto... num mundo que está queimando agora... está tudo conectado?... é sempre o mesmo fogo... o mesmo que queima toda biodiversidade e até os registros de museus... tudo para impor uma monocultura... no pensamento!

Lembra!

Espaço de fronteira – Precisamos de imagens líquidas e viscosas como as secreções que escorrem de nossas vulvas para engolir este fogo!

Chega das torres e obeliscos, os eternos paus erguidos como símbolo de uma cultura que não sabe nem onde é o clitóris nas mulheres! Precisamos de novas imagens! Ou novas-velhíssimas imagens? Ancestrais...?

Atriz – A Terra está queimando. Teremos tempo, Tarsila?

Tarsila – Fomos futuristas! Profetizamos a necessidade de uma vacina pro pensamento,

uma vacina pro afeto e para a imaginação!

–

Juntas – E juntas, carne Viviane e mito Tarsila, numa sofisticada experiência espiritual, como todo rito-teatro, vamos dialogar até criarmos o espanto: algo que não pertença nem a mim, nem a ela, nem ao público. Mas que só pode nascer do encontro, aquilo que dá gosto à vida.

E “diálogo” pode ser sim uma experiência espiritual. Porque diálogo não tem nada a ver com convencer o outro, mas... é um processo de abertura do conhecimento através da alteridade.

E o outro como fonte de conhecimento, de vida... é o presente que a antropofagia brasileira trouxe ao mundo. O verdadeiro diálogo cria aquilo que é impossível de ser pensado sozinho. Precisamos reabitar as palavras...

Porque precisamos transpor o muro da crise. Pequenos passos importam. O imaginário é mãe de toda realidade. Estamos juntas!

Atriz – Mas nós habitamos um direito sonâmbulo, Tarsila.

Tarsila – Não! Um território Mito-poético! *(Entra a primeira imagem de Mário de Andrade projetada. Mário e Oswald só entram como imagens. Vídeos projetados.)*

Mário – Bom dia. Cai a tarde. Nesta minha estância vazia, na humildade dum sexto nadar da rua Lopes Chaves, eu cismo. Eu cismo e ao meu pensamento vem de leve pousar como uma andorinha a recordação de Tarsivaldo.

Tarsila – Mário de Andrade, musicólogo, historiador da arte, compositor-poeta, contista, romancista, crítico em jornais e revistas, fotógrafo, fundador da sociedade de Etnografia e Folclore.

Atriz – Mário... Diretor fundador do Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de São Paulo entre 1935 e 37 – consolidando as bibliotecas municipais...

Mário... um criador e um demiurgo. Você inventou a palavra-entidade Tarsivaldo. Falando em brasileiro, prum mundo em transição... e as encantadas da mata disseram amém para seu poder criador de novas realidades!

Tarsila – Se Oswald era o visionário, Mário era o feiticeiro, macumbeiro. Eles se completavam e davam o clima de 1922. Andrade & Andrade, parentes não no sangue, mas irmanados em rebelia... por alguns anos...pilares de uma guinada de

nossa cultura que ainda tem muitos personagens.

Bom, é que não contei ainda tudinho para vocês... mas quando morri... se é que morri... ou virei um rio subterrâneo que volta para a superfície da Terra de tempos em tempos... eu... que não sou só eu... quando virei semente, me percebi primeiro dupla – macho e fêmea – criador e criatura, Tarsila&Oswald, Tarsilvaldo!

Talvez por conta primeiro de uma grande paixão, o motor de tudo... ser profundamente afetado pelo outro... o verdadeiro motor da história é sempre a paixão!

Sem paixão não tem antropofagia! Alguém ainda vai fazer um tratado sobre a importância da paixão para o avanço da civilização!

Mas não era só a paixão por um homem... mas por um criador, um artista. E eu, uma criadora também. Amor de pessoas na arte... gente capaz de criar e destruir mundos... um êxtase de deuses pode mudar a história... é imenso...

Oswald (*também projetado*) – Nonê!!!

Tarsila – Falada em babytalking, a linguagem preferida de Oswald, né Nonê? Assinado... a sua Luisa!

O Oswald era um espírito livre, inquieto, brincalhão, uma inteligência fina, faísca, disruptiva, de relâmpago, um gênio!

Sim, o Oswald tinha suas contradições... mas aqui, neste plano, eu escolho a sua melhor versão: a que amava a mulher e divinizava a mulher que amava... e situar o Brasil num matriarcado em 1928 não é pouca coisa não...

Aliás, a tal história do Matriarcado & de Pindorama... não tem nada a ver com um governo de mulheres, em contraposição ao patriarcado... como muita gente de interpretação literal de mundo acha... Era outra coisa... uma provocação tremenda a um mundo falocêntrico e europeizado?... outra coisa, talvez a tal...

Imagem poética...

...outra coisa!

Oswald – Uma lata serve para conter algo, mas quando o poeta diz... lata.

Pode estar querendo dizer o incontível...

(que ainda está dançando) – Não fomos nós que abrimos as portas para Tropicália?

Tarsila – Agora o Oswald era engraçado! Perdia o amigo, mas não uma piada.

Como na resposta àquela nota Anônima,

na Revista Terra Roxa, em 1926. “Pingos nos is”.

A que falava da origem do modernismo no Brasil, atribuída por Monteiro Lobato à displicência “de Oswald de Andrade e de todos os outros modernistas brasileiros que nada mais são que inexperientes burlados pela mistificação do poeta de Pau-Brasil”.

Tarsila – Tudo era culpa do Oswald! E ele não perdeu a chance de atizar a maldade contra ele mesmo, respondendo lá de Paris:

Oswald – Esse negócio de modernismo é blague minha. Apenas o Lobato não compreendeu o alcance dela. Não blefei só os meus compatriotas. Aqui, por estas bandas, consegui ainda melhores resultados do que na terra de Chico Capivara.”

“Ver a exposição de Artes Decorativas em 1925, em Paris. Tudo torto, fora de prumo, reventado, doido. Fui eu quem disse que assim era bonito. E os trouxas acreditaram.

–

Tarsila – Oswald, Mário...eu? Anita Malfatti também e Menotti del Picchia.

(*Sugestão – Imagens modernistas em projeção sobre a atriz:*)





Vídeo-cenários de Vic Von Poser.

Tarsila – E de pouquinho, precisão dos tempos, fui recebendo aqui no meu coração a cambada toda, a turma se juntou... nesta espécie de corpo... assentamento de gente boa... acontece em rito-teatro...

... você acha estranho eu ser muitos? Você se acredita único? Não percebe que talvez só

exista em relação, atravessado pelo mundo e por todos os seus afetos – bons ou tristes?

Eu recebi meus companheiros como hóstia... ou eles me receberam? Decantando só aquilo que nutre... a parte que não morre... as miudezas de gente ficaram mesmo no chão... e tem que tomar cuidado para ter algo que não seja miudeza pra sobrar depois de morto, se não fica tudo debaixo da terra mesmo... mas meus amigos tinham substância nutritiva... e a gente virou uma só semente? Sempre disponível para ser evocada? Palavra que tudo pode!

Laroeiê, Exu, me abra os caminhos. Ajuda a gente toda reunida dentro e fora a achar uma nova imagem! Precisamos descobrir as partes do nosso rito de reinvenção de um país...

... tecer um imã de amanhã... antes do Piaimã...

... acho que eu fiz um versinho...

Está denso...

O que aconteceu com o fogo das contendas artísticas? E a festa? Por que esse público está tão comportado? Ninguém ainda me vaiou!

Mário – Pois esta é para desejar felicidades à Tarsila, não, para Tarsivaldo porque afinal das contas sei bem que tudo que é felicidade para um é pro outro. Em todo caso como não entendo muito dessas coisas de casais é melhor mudar de assunto sinão parece que estou fazendo literatura. Mando este artigo não sei si vocês tem tempo para ler mas é porquê tem elogios para Tarsivaldo e isso é sempre gostoso a gente receber. Vocês já viram Anita? Que tal o quadro dela que esteve no *Salon*? Olhem, não se esqueçam de arranjar as coisas para ficarem todos camaradas outra vez, não gosto destas briguinhas muito não, é tão sossegado a gente andar todos *allons enfants de la patrie* de braços dados se rindo uns pros outros sem arreganhando os dentes, com perdão da palavra...

Tarsila – A Anita...

A história da Anita, como de toda mulher brasileira, começou bem antes dela nascer.

A Anita Malfatti foi alvo do que de mais conservador existia neste país...

Muitos conhecem essa história, mas talvez não contada com os olhos de quem teve tempo de rever as coisas, do cosmos... Anita, uma mulher brasileira, como o estopim em chamas para

uma mudança tremenda da subjetividade de um país patriarcal da América colonizada... gatilho que abriu as portas para podermos pensar numa história do imaginário brasileiro...

Anita, para começar tua história, preciso reinstaurar algumas entre nós.

O que de pequeno se criou entre a gente ficou lá na terra, aqui só experimento o suco do que vivi de melhor. Passamos tantos anos conectadas... fazíamos às vezes até a mesma coisa por ângulos diferentes. E se existiu rivalidade, ela era artística, você foi minha grande interlocutora por anos... não conseguia pintar sem pensar em você...

Você vivia dentro de minhas imagens... e agora, vivo você para você viver de vez dentro de mim... Semente-Anita!

Agora sim, pedi licença para dizer que:

Anita Malfatti, em brasileiro, devia ser verbo de ação. Você ainda menina! Atrofia congênita na mão direita... sempre gauche... que só podia pintar com a esquerda... Foguete que primeiro acelerou o tempo!

Atriz em jogo Anita – A minha exposição foi feita com tanta pressa – e às vezes para mudar a história a gente tem que aproveitar uma brecha no tempo e inverter tão rápido as perspectivas... que quase entrei sem sapatos no salão...

...

Atriz – Lembra! Que tudo isso que se vive no hoje faz parte de um grande rio, que começa muito antes de nós...

E o modernismo no Brasil, tem precursoras mulheres, como tivemos mulheres na luta contra a colonização, pela independência, pela abolição da escravidão... a maioria apagada pela história...

E não é fácil não... a Anita Malfatti foi massacrada pela boçalidade conservadora... Monteiro Lobato, artista também... mas, como crítico... frigorífico e castrador de tudo aquilo que não fosse seu próprio espelho...

(Áudio. Atriz dança estas palavras:

– Paranoia ou mistificação? Essas escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva, produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos da decadência... A única diferença reside em que, nos manicômios, essa arte é sincera, produto lógico dos cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses

e fora deles... não há sinceridade alguma, sem nenhuma lógica, sendo tudo mistificação pura.)

Atriz – Ele escreveu esta crítica no jornal para destruir uma artista jovem numa exposição em que ELE NUNCA FOI!!!!

Ele usou a Anita para destilar seu ódio contra uma nova arte, sendo ele a tradição.

A Anita, era a flor da idade, inquieta, uma MULHER de vanguarda!

O lobo perverso chegou a insinuar que ela teria um lindo futuro... como mãe para cuidar dos maridos, do filho, de um lar! Jamais na arte, lugar que deveria ser preservado pra outros... homens, lógico.

Tarsila – Começamos a tecer os fios: as alianças astutas, os pactos que ganham suas forças exatamente por serem escondidos: o pater famílias e poder sobre a prole...patriarcado, colonização, misoginia, capitalismo cultural... sugerimos alianças tristes que só foram aparecendo na filosofia mundial meio século depois...

Fomos futuristas, sim!

Atriz – E...usando meu poder recriador de realidades no teatro, lugar dos possíveis, reinstauro a história da Anita. O que que é? Você acredita que a história que aprendeu na escola é a certa? Ou a contada pelos vencedores? Aqui, pelo menos recrio com ética...

A banana que Anita deu pro Monteiro Lobato tinha todos os meus amigos atrás dela:

– Sr. Monteiro o Sr. pinta o mundo visível. Nós – artistas de vanguarda – estamos interessados no vir a ser. No possível. Ainda que AINDA invisível!

(Música Semana de Arte Moderna.)

Atriz – Ah! A Semana de Arte Moderna foi um grito, de parceria e amizade!

Foi também a Ética e estética unidas pela primeira vez para a superação de um imaginário colonizado atacando seus pilares: a misoginia patriarcal e a arrogância antiimaginativa dos donos da voz!

(Sobe som.)

Tarsila – Meus amigos queriam ser transparência para seu tempo, como verdadeiros artistas, criar linguagem para o novo, inventar uma nova expressão artística que desse conta da velocidade das mudanças da vida, do tempo, da cidade de São Paulo. A cidade era a protagonista, a ins-

piração, o pulso! Meus amigos estavam a serviço, eram apenas os Cavalos da Paulicéia Desvairada!

Mário – São Paulo, comoção da minha vida...

Galicismo a berrar nos desertos da América!

Oswald – Quando o português chegou

Debaixo de uma bruta chuva

Vestiu o índio

Que pena!

Fosse uma manhã de sol

O índio tinha despedido

O Português!

Atriz – Eram dois imaginários em disputa, pela primeira vez na estética do país!

Mário – Anita, com sua força máscula na Mulher de Cabelos verdes e a feminilidade do Homem Amarelo.

Anita é presente, realização. Não futuro!

Atriz – Meus amigos sabiam que a arte, esta parte inefável do conhecimento humano talvez seja a única capaz de romper o rígido para a humanidade andar... provocar no território em que somos mais conservadores: no imaginário, na subjetividade... e se colocavam corajosamente à serviço das rupturas!

Mário – Eu insulto o burguês. O burguês níquel. O burguês-burguês! A digestão bem-feita de São Paulo! O homem-curva! o homem-nádegas!

...

Eu insulto o burguês-Funesto!

O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!

Fora os que algarismam os amanhã!

(vozes vão se acrescentando aqui, quase encantaria)

...morte à gordura! Morte às adiposidades cerebrais! morte ao burguês-mensal!

...Come! Come-te a ti mesmo, oh! Gelatina pasma!

Oh! *Purée* de batatas morais!

...ódio aos temperamentos regulares!

Ódio aos relógios musculares! ...Ódio à soma!

Ódio aos secos e molhados!

Ódio aos sem desfalecimento nem arrependimentos,

Sempiternamente as mesmices convencionais!

...cheirando a religião e que não crê em Deus!

Fora! Fu! Fora o bom burguês!...

(*Grande vaia.*)

Tarsila – Não, não foi assim, a Anita me contou. O teatro cheio, todos inquietos, mas não teve vaias...na primeira noite! Os ânimos estavam fermentando; o ambiente eletrizante.

Era o prenúncio da tempestade que arrebentaria na segunda noite!

(*Vaia!*)

Oswald – O teatro estrugiu numa vaia irracional e infrene, antes mesmo de eu pronunciar uma só palavra. Esperei de pé, calmo, sorrindo como pude, que o barulho serenasse. Depois de alguns minutos, isso se deu. Abri a boca então. Ia começar a ler, mas a pateada se elevou, imensa, proibitiva. Nova e calma espera, novo apaziguamento. Então pude começar... no fim, quando me sentei e quando me sucedeu Mário de Andrade, a vaia estrondou de novo. Mário, com aquela santidade que às vezes o marcava, gritou: “Assim não recito mais!” Houve grossas risadas.

(*Vaia termina a cena.*)

Tarsila – Não foi pelo sucesso do dia.

(*Vaia – fala debaixo de vaias:*)

Não foi pela unanimidade não... Mas foi pelo valor simbólico de tudo aquilo que meus amigos iniciaram ocupando o Teatro Municipal. Cem anos depois da Pretensa Independência do Brasil, queriam a independência no Plano das Imagens. E ocupar um prédio pode ser muito mais fácil que ocupar sua própria mente. O que dirá mudar uma imagem coletiva?

–

Mário e Oswald – Que novos futuros vieram com a explosão do velho Brasil?

– Que novos futuros vieram com a explosão do velho Brasil?

(*Palco escuro. Só ouvimos vozes. Sem rosto:*) – artistas são degenerados. Tudo vagabundo. Mamam nas tetas do governo. Precisamos acabar com estas mordomias.

(*Escuro...*)

Atriz – Eu ando... já misturando os tempos? É que o ódio aos artistas é coisa antiga também... volta e meia emerge das catacumbas lamacentas o ressentimento do burguês contra tudo aquilo que ele não consegue ser: criador!

Vozes – “espíritos cretinos e débeis” “fueristas endiabrados” “subversores da arte”.

“Vai cuidar do seu marido...”

Tarsila – Prestamos atenção demais àquilo que só serve para distrair... é um mundo feito para prestarmos atenção ao irrelevante e esquecermos o que importa... eu falava de alteridade... e de belezas!... e a beleza é linda sim... em francês...

–
(*Música Paris. Projeções.*)

Tarsila – Sim, eu estava em Paris, só depois me juntei ao grupo.

...

Paris! As recordações fervilham, amontoam-se, atropelam-se... Meu ateliê que tinha sido habitado por Cézanne!!! A cidade em que ia no teatro... e a estreia do Artaud, que já tinha também sido completamente contaminado pelo México. E tinha o Breton gritando “*merde, merde, merde*” na plateia! Ninguém era indiferente!

Paris... o samba reanimando a cidade depois da pandemia...

Eu tô falando da gripe espanhola... é tudo cíclico... alguém ainda não entendeu?

... conheci Picasso, Modigliani, O Fernand Léger, pintor das locomotivas, o Brancusi, meu professor Albert Gleizes... foi aqui, no meio dessa gente que deixamos de ser importadores – e realizar uma ação sincrônica no tempo com criadores de quem antes éramos só plateia.

Éramos milho em óleo quente, prontos para nos transformarmos definitivamente. Sim, o Oswald tinha participado da semana de 22, mas isso não fazia dele um Modernista ainda em 1923...

...

– Blaise Cendrars, grande amigo...

os críticos se perguntavam se eram os meus quadros compostos como as poesias de Cendrars ou as poesias de Cendrars organizadas como meus quadros... era um diálogo: E a altura das palmeiras que te encantava...

Em Paris, me senti cada vez mais brasileira. Com orgulho, decidi ser, na arte, a caipirinha de São Bernardo, brincando com bonecas do mato.

Agora eu sou Tarsila em autorretrato. Me instauro no mundo por minhas próprias mãos criadoras. Que desenham a mim mesma. Mulher rosto profundo. Artista brasileira! E do mundo!

(*Projeção Referência:*)



Amaral, Tarsila. **Autorretrato**, 1923.

Eu sempre amei as cores das festas populares! “Ensinaaram-me depois que eram feias e caipiras. Segui o ramerrão do gosto apurado... Mas depois vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante...”

Querida a liberdade e amava certa estilização própria da minha época.

... para quem me achava uma pintora espontânea, eu... sorria...

Tinha técnica... era a fase antropofágica... aliás, fui a primeira a dizer dos meus professores de Paris: “Só ouço os professores no que me convém. Depois destas lições não pretendo mais continuar com os professores”.

E isso foi em 1923, está nas cartas, a base ética e estética da Antropofagia – a alteridade como alimento, digerida só naquilo que nos nutre, misturada com aquilo que é nosso e jamais copiada. E 5 anos antes do manifesto Antropófago – qual o limite daquilo que um cria e o outro cria? Foi sempre uma ação conjunta, a muitas mãos! Aliás, Manifesto que teve um nome que Oswald deu à minha tela... Abaporu! O homem que come gente! E explodiu em palavras, imagens... um manifesto de um novo Brasil que

recriava sua posição no mundo!

Mário – Tarsila, minha querida amiga! Cuidado! fortifiquem-se bem de teorias e desculpas e coisas vistas em Paris. Quando vocês aqui chegarem, teremos briga, na certa. Desde já desafio vocês todos juntos, Tarsila, Osvaldo, Sergio para uma discussão formidável. Vocês foram a Paris como burgueses. Estão épatés. E se fizeram futuristas! Hi!hi!hi! Choro de inveja! Mas é verdade que considero vocês todos uns caipiras em Paris. Vocês se parinistianizaram na epiderme. Isso é horrível! Tarsila, Tarsila, volta pra dentro de ti mesma. Abandona o Gris e o Lhote, empresários de criticismos decrépitos e de estesias decadentes! Abandona Paris! Tarsila! Tarsila! Vem para a mata-virgem, onde não há arte negra, onde não há também arroios gentis. HÁ MATA VIRGEM. Criei o mata-virgismo. Sou mata-virgista. Disso é que o mundo, a arte, o Brasil e minha queridíssima Tarsila precisam.

Se vocês tiverem coragem venham para cá, aceitem meu desafio.

E como será lindo ver na moldura verde da mata, a figura linda, renascente, de Tarsila do Amaral. Chegarei silencioso, confiante e te beijarei as mãos divinas.

Tarsila – E eu voltei!

– E seu mata-virgismo, o delírio Macunaíma ganhou o Mundo! E tudo se acelerou!

E daí foi acontecendo uma coisa doida, o grupo vanguardista foi ganhando novos membros, gente não nascida ainda! Numa irmandade para além do tempo, imprevisível! Gente passando o bastão para que uma energia artística e criativa brasileira não desaparecesse engolida pela voracidade dos Piaimãs...

alguns se conheciam... outros jamais habitaram o planeta juntos, mas respondiam ao mesmo magnetismo de alguma forma-corrente subterrânea espiritual que nasceu no Modernismo:

(Projeções:)

Guimarães Rosa, Rosa e Pau, Rio Enorme nosso pai – Rosa! Um gênio !

O Hélio Oiticica depois e a Lygia Clark e a Pappé... O cinema Novo do Glauber, O Teatro Oficina e o resgate do Oswald que tinha caído no ostracismo nos anos 1960... a Tropicália...e também os grupos de teatro de São Paulo. Que chegam ao contemporâneo sem precisar do per-

formativo do norte: tínhamos a Antropofagia! Foi no campo cultural sempre a grande contribuição brasileira para o planeta, nossa resistência do último século e o melhor que demos para este mundão... coisa que todo povo que se preza quer fazer... contribuir com o todo... nosso melhor veio da arte...

Precisamos lembrar... tirar estes véus... acordar...
(Toque musical.)

Atriz – Eu Viviane, que nem vivi, tenho saudades... de irreverência criativa... meus amigos, também! Meus professores...

Qual o mistério destas gerações que juntam tantos espíritos livres, revolucionários num mesmo tempo? Como se abrem essas portas? Como estas gentes que parecem terem nascido encomendadas, em tantos lugares, num complô sem palavras para mudar tudo sabem qual o seu papel na peça do mundo?... Quem orquestra o bando? Quais são os fios misteriosos que conectam tudo?

– E por que estas portas se fecham?

Dá saudade sim. Deve dar até em quem não viveu. Saudade de um Brasil... e de um mundo...

Que fenômeno é esse que faz as coisas aparecerem e sumirem sem deixar rastros... que permite que boçais se apropriem do poder como se não tivéssemos uma história cultural? Como se nada tivesse existido? Ou é que de tanto barulho não se ouve nada?

(Pausa)

E foi aí que eu vi, finalmente, o Piaimã...

(Piaimã aparece como imagem, projetada. A olha. Põe os óculos. Vira a cabeça para outro lado cantando algo que não se ouve. E some.)

Tarsila – O Piaimã não quis me engolir? Que enigma é esse? Espera! Vamos voltar!

Eu quero abrir de novo esta cena... em imagens... como no teatro! Decupá-la, analisá-la para que ela nos revele seu segredo...

(Efeito de imagem... Piaimã e Tarsila, dilatando exatamente os mesmos gestos, mas com todos estes textos dentro da mesma partitura. Tarsila dialoga com uma imagem.)

(Piaimã volta.)

Tarsila – Piaimã você está diferente, quase que não te reconheço. Gigante ainda

(Para o público) – Magro, elegante. Ócu-

los... escuros... parecem mais cobrir a visão que deixar ver...

Piaimã – Você sempre foi observadora...

Tarsila – Sou pintora, bons olhos. Mas fazer elogios não é sua praia. Vamos, não me faça perder tempo... sinto ainda teu hálito fétido e teu apetite insaciável...

Piaimã – Cada vez mais faminto...

Tarsila – Sei que esconde um enigma. Por que não me olha? Esses óculos encobrem tua nova cegueira?

Piaimã – Fascinantes, não? São óculos maravilhosos, que eu ganhei de um empresário da moda. Meus xodós. Eles facilitam a vida... Eu não vejo nada nem ninguém com eles!

Tarsila – Mas... se usa óculos para se ver...

Piaimã – Bem se vê que você anda ultrapassada... ainda não entendeu o mundo em que acordou. São óculos de beleza! Que me permitem ver apenas o que de mais belo existe neste mundo!

Um olhar para dentro sabe, meditação?

... ele me protege de toda visão “degolais”, asquerosa, todo ruído besta, som irritante, grito de dor.

Ele me protege...

Tarsila – do outro!

Piaimã – Estes óculos são verdadeiros muros. Novo tempo, Tarsila, novas estratégias...

Tarsila – E aí a ficha foi caindo... as vaias no Teatro Municipal...

Piaimã – Coisa do passado!

No máximo eu vejo um filme, no meu sofá, destes em que eu sei muito bem o que esperar... somos muitos. Odiamos o espanto! Habitamos um mundo confortável...

Tarsila – óculos para não ver?

Cadê as ideias em disputa? As revistas de cultura?

Piaimã – Faz me rir, Tarsila. Mata me de rir! Revistas de cultura? Novas estratégias, cortar qualquer financiamento.

... Silêncio bom...

Tarsila – Proteção contra a alteridade!... mas é a anti antropofagia que vocês vivem!

Piaimã – É a nova onda! Contra-onda que sempre segue a onda, ação e reação, oras!

Nosso slogan cola como chiclete... no olho:

Tudo aquilo que não se parece comigo eu

já sei que nem vou gostar...

... vai pruma zona de invisibilidade, amorfa...

Tarsila – uma espécie de anestesia moral, psíquica... a indiferença.

Piaimã – Essa sua mania de linguagem para as coisas. Ninguém dá nome mais para nada. É apenas o que todo mundo faz. É... normal, oras! E se ninguém dá nome, é porque nem precisa chamar nada... não sai em lugar nenhum... nem existe!

A nossa astúcia não para! A “Indiferença” não é só uma coisa da vida pessoal e do gosto. É uma política! Uma atitude para enfrentar conflitos – apagando o interlocutor – somos mestres da esquiva, transformamos a realidade e não mexemos em time que está ganhando!

Música:

montar barreiras, aparatos de invisibilização...

Negamos! Negamos!

Estamos todos entre muros. Muros psíquicos, muros químicos, por que não?... tudo para te manter neste espaço... gostosinho...

Onde somos todos gigantes...

Tarsila – Eus solitários e inflados...

Piaimã – É micropolítica criando a macro – política? Ou o delicioso neoliberalismo nos dando uma forma cultural? Chave-fechadura.

Tarsila – O Piaimã falou tudo isso? Não, ele só apareceu com aqueles óculos de não ver? E sumiu, desinteressado...

O resto quem deu linguagem fui eu. Estudei teatro na escola, e li o subtexto... daquele encontro triste...

(Música.)

O contrário da vida nunca foi a morte, olha eu aqui cheia de vida. Mas o desencanto...

Entendi a equação... construíram a anti alta antropofagia – a cultura da indiferença! Que mata de depressão mais rápido que pandemia!

Piaimã – A cultura da indiferença é o novo luxo! Estamos à frente, de novo. Eu, o gigante Venceslau... já engoli de novo a pedra sagrada. Meus intestinos cagam ironias... sem a pedra o futuro nunca será nativo.

Tarsila – À frente?

... a pintura me ensinou que tudo é sempre uma questão de perspectiva...e se minhas imagens fossem também, de alguma maneira,

recados viajando no tempo?

Lembra... A vacina antropofágica! Profetizada lá no passado... como antídoto para as doenças das gerações futuras. Mas como lembrar? Acordar de um Sono!

(*Projeção referênciada:*)



Amaral, Tarsila. *O Sono*, 1928.

Neste plano eu perco a perspectiva cósmica... Eu estava dentro de um grande quadro? Como ficção e realidade se embrulharam deste jeito?

Eu estou quase desaparecendo... aqui tudo é mais denso... nem a força de 5 aqui dentro seguram essa nova cepa viral... que se transmite pela indiferença... desaparecendo... num país que aprendeu a apagar sua história a cada 30 anos... vocês vão me apagar também?

Nossa história podia ser contada pelos apagamentos... me lembrei das exclusões tantas que não podemos mais esquecer... dos erros do modernismo, seu elitismo... e a própria São Paulo, nossa protagonista, 30 por cento a mais de moradores de rua depois da pandemia...

Tantas exclusões em nosso país... Uma história construída excluindo pessoas, subjetividades. Quantos talentos, contribuições únicas... amordaçadas?

Mulheres apagadas da arte, da esfera pública... estamos enfrentando uma grande crise e excluímos tanta gente que nosso sistema está mais fraco!

Dá ainda para chamar as vozes excluídas de tantos tempos para recriar um país? Intuo que meu rito de criação de uma nova imagem para a reinvenção de um país passe por este território!

Garota Yanomami, nem sei teu nome, estrela! Você tem lugar neste ritual!

Cy! Protege a gente, Cy, ensina a gente escutar as vozes Krenak, vozes Kopenawa... Chega da fumaça iluminista dos “valores universais” para os “homens brancos”. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

(*Fronteiras atriz-personagem borradas.*)

Dá ainda para chamar as vozes excluídas de tantos tempos para recriar um país e um mundo? Feitiçaria boa!

(*Música.*)

Ouçó essas vozes todas apagadas, atropeladas, poderes criativos tectônicos tremendos calados: vocês foram excluídas e fazem muita falta hoje!

Escuto e dou espaço para seu manifesto: esconjuros tremendos, vindos de cavernas escuras e úmidas... muitas bocas...

Invoco o poder das mil vozes – Nós, as eternas dissidentes, queremos interromper.

Voz feminista aqui é chão e metáfora, tal como a antropofagia já instaurou em imagem-ação. Um dispositivo que subverte os sistemas de representação da cultura dominante.

Nossa liberdade (e humor) vai parir agora palavras-gingado, inspiradas na dança dos lábios de nossas vulvas... que estão permanentemente em contato umas com as outras, interligadas, que se tocam constantemente sem nunca se separarem, nem se empurrarem ou oprimir, essas palavras buscam e oferecem espaço. Se excedem! Imagens que explodem em todas as direções, como nossos orgasmos.

Quando as vozes silenciadas entram no mundo, todos os mapas se alteram!

Mas somos fortes. E preparamos um caldeirão de imagens em ebulição – pedaços de sentido que se desfazem e se reconectam a outros pedaços, improváveis... e nos surpreenderemos com rearranjos químicos capazes de nutrir a alma-corpo.

Nunca admitiremos o nascimento da lógica entre nós!

(*Cessa a música*)

– Eu estou entrando no pensamento caótico da criação artística. O momento em que eu vou me dissolver no cosmos deve estar se aproximando...

Precisamos ativar os códigos de potência do Brasil! As tradições dos povos nativos, nossa ancestralidade primeira. Que sabia que as palavras tinham poder mágico. Tá tudo no manifesto. Já tínhamos a língua surrealista!

–

Espera. Não dá para fazer nada sozinha. Eu vou embora logo, quem, fica serão vocês.

Vem comigo, na psicomagia da fala artística, no teatro, lugar dos possíveis! Não é participação aqui no palco não, é no lugar em que o teatro acontece, sobretudo: na sua imaginação!

As palavras determinam o que podemos imaginar.

–

Quais as palavras que podemos chamar nos tempos de crise?

(A sugestão aqui é uma conversa com o operador de imagens que se faz em cena)

(As imagens começam a flutuar na projeção, sugiro um recorte, recriado com as imagens da pintora:) –As palmeiras!

As únicas que olham longe e atravessam a mediocridade. Soberanas no Brasil. Novo mundo, mundo PLANTA, mundo húmus. O não humano. Que a gente saia da frente, pro mundo falar!

Que maravilhas poderíamos criar com a liberdade dentro? Tudo é possível, cuca, Abaporus, negras gigantescas e maravilhosas dominando a paisagem. Novo mundo, outras regras. *Change*. Contra as ideias gastas e o *stop* do pensamento que é dinâmico. Tantas possibilidades e nós só repetimos o mesmo imaginário: roteiros, roteiros, roteiros, roteiros, roteiros. Imagens antídotos!

–

Quero palavras do desejo...

Fundos azuis e vegetações exuberante, loucas, coloridas, lagos cheios de frutos rosas e manacás de amor.

O pé. O cacto. O sol. É pau. É pedra.

Nossas imagens e palavras foram assentamentos de forças encantadas que até hoje dançam na linguagem brasileira

Meu tempo é curto, já me dissolvo no ar... Antropofagia comigo mesma. Abaporus e A negra. Os protagonistas deste país. Junto com as folhas. O sol laranja, tempo antigo. O povo nativo.

E capivaras copulando sob o sol poente enquanto ovos de dinossauros rosas dormem sob árvores

Touros de cornos da Lua..

Como encontrar a forma que está por trás da forma? Cocos maiores que coqueiros...

Eu aqui honro a beleza! Que é uma força em nossa vida. A beleza que é uma força da natureza. Não que tudo é belo na vida, mas é nosso papel achar.

A beleza que crio.

Nada mexe com a gente de um jeito tão imprevisível e produz mudanças químicas como a beleza. Nos dá força e poder, capacidade para fazer coisas

Ah...se eu descobrisse a figura perfeita...se das minhas telas, cores, espírito nascesse uma imagem tão gostosa que nos fizesse lembrar das coisas esquecidas...ou não nascidas...

Ah...se eu descobrisse a COMPOSIÇÃO que abrisse as portas do Brasil futuro...se dos meus pinceis, do fogo do meu coração nascesse uma imagem tão dançarina capaz de transformar toda dor em delícia...

Me deem palavras! Mesmo as não nascidas ainda! Para parir novos mundos!

Quero propor uma palavra nova: se Anita Malfatti foi verbo de ação, vamos agora “Em Mariar”... ser como Mário de Andrade... mariar futuros com nossas palavras. Não ter medo de exalarmos nossa genialidade no mundo, por amor ao tempo que nos é dado viver.

Vamos E... Mariar... ser Mário de Andrade, falar em brasileiro, ser berço de futuros...

(A imagem de Mário aparece.

Projeção. Gigante.)

Tarsila – E foi aí que eu entendi tudo. Mário, você era o gigante, não era o Piaimã! *(Mário ri)*

Mário – Eu disse que se você voltasse eu te beijaria as mãos *(estende as mãos para ela)*

Tarsila – No Brasil das brasilidades, os gigantes se chamam Mário de Andrade, o Piaimã é só a criaturinha... são os criadores, os artistas... os poetas, os verdadeiros criadores de mitos capazes de nos acordar pela lembrança de quem seremos no futuro...

Porque eu já me sinto eroticamente atraída para o Brasil do futuro...

(A atriz é projetada, gigante, sobre si mesmo. Dá as mãos à Mário de Andrade. Ambos gigantes. Desaparecem juntos enquanto a música inicial se transforma num grande samba.)

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Aracy. A. **Tarsila, sua obra e seu tempo**. São Paulo: Editora 34, Edusp, 2010.
- ANDRADE, Mário. Ode ao Burguês. In: **De Paulicéia Desvairada a Café**. São Paulo: Livraria Martins, 1986.
- ANDRADE, Mário. Inspiração. In: **De Paulicéia Desvairada a Café**. São Paulo: Livraria Martins, 1986.
- ANDRADE, Mário. **Macunaíma**. 1928
- ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropófago**. 1928.
- ANDRADE, Oswald. “Erro de português”. In: **Obras completas**, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- GILBERTO GIL. Metáfora. In: **Um Banda Um** (GILBERTO GIL). 1982.
- LOBATO, Monteiro. “À propósito da exposição Malfatti”, **O Estado de S. Paulo**, 20 de dezembro de 1917.
- ROUGET DE LISLE, Claude Joseph. **La Marsellaise**. 1792

Abstract

It is a theatrical text with a feminist voice, an ethical and aesthetic dialogue with Brazilian Modernism in the search for new images for the reinvention of a country. The text was staged in São Paulo in September and October 2022. It went to Paris in November; And Lisbon, in December of the same year.

Tarsila, a body-settlement of Brazilian Modernism, wakes up in the cosmos, in 2022. She needs to create a new image before being devoured by the voracity of the new Piaimã.

Keywords

Feminist theater. Modernism. Anthropophagy.

Recebido em: 12 out. 2022

Aceito em: 15 nov. 2022

Publicado em: 21 dez. 2022